

FAGULHA



EDIÇÃO N°14

@FAGULHA_JORNAL

30 OUTUBRO 2025

PARA QUE SERVE A FILOSOFIA?

O primeiro contato com a palavra Filosofia acontece, normalmente, no ambiente escolar. No Brasil, desde 2008, entre idas e vindas, a Filosofia é componente obrigatório no currículo escolar. Muitas vezes, seu ensino se torna memorização de conceitos e nomes. Nas universidades, prevalece a pesquisa sobre a filosofia europeia. Assim, cabe-nos perguntar: qual é o espaço da Filosofia na sociedade brasileira? A Filosofia no Brasil deve assumir o papel de romper com a ideia de que o pensamento se forma apenas no Norte Global. É preciso reconhecer que nossa realidade possui uma estrutura epistemológica própria para uma filosofia viva. A filosofia brasileira tem a serventia do encantamento; ela se afasta de uma filosofia estritamente racional e



convida a pensar com o corpo, com a dança, com as imagens e sons, com o outro e, sobretudo, com a cultura popular. Serve para que, diante daquilo que se produz em nosso território, possamos refletir sobre a realidade e nossos problemas. Ao voltarmos o olhar para uma filosofia popular brasileira, não recusamos o pensamento dito ocidental; ao contrário, ampliamos as possibilidades filosóficas, conferindo dignidade reflexiva a outras experiências de pensamento. Nesse sentido, a ginga também é conceito e os capoeiristas, sambistas, versadores, MCs são os filósofos operadores desses conceitos, que se constituem não apenas nos artigos acadêmicos, mas também nas frestas das ruas. Autores: Petry Fernandes, Jackson dos Santos, Samuel Cardoso.

"CONVIDA PENSAR COM O CORPO, COM A DANÇA, COM AS IMAGENS E SONS"

FAGULHA



EDIÇÃO N°14

@FAGULHA_JORNAL

30 OUTUBRO 2025

OLHAR POPULAR

O funk e o rap são manifestações artísticas de grupos por vezes vulneráveis em nosso país - a população das periferias, que, não por acaso, é majoritariamente negra. Essas expressões culturais surgiram no Brasil como resposta a uma realidade marcada pela violência, fruto da desigualdade econômica, social e racial. Retratam o cotidiano de pessoas que encontram na arte um espaço de expressão, denúncia e resistência. Sendo o funk e o rap criações da favela, não surpreendem as tentativas de censura e criminalização desses gêneros. O debate em torno do Projeto de Lei conhecido como "Anti-Oruam" apenas revela mais uma face da violência sofrida pela população periférica. Ao afirmar que as músicas de funk e rap fazem apologia ao crime e ao uso de drogas, o projeto não enfrenta o problema da segurança pública em sua complexidade; ao contrário, mascara uma política racista e elitista voltada ao



extermínio da cultura e da arte popular. No fundo, o propósito do projeto é o silenciamento da expressão periférica como um todo, já que a música produzida nas periferias denuncia o abandono e a violência do Estado, tornando-se uma forma de dar visibilidade às condições de vida precarizadas e às injustiças sofridas. Em São Paulo, a chamada "CPI dos Pancadões" evidencia outra tentativa de vincular o funk ao crime e de negar-lhe o estatuto de expressão artística. Esse processo não é novo: o choro, o rap, o rock e outras manifestações oriundas das margens só foram aceitos, como observou Frantz Fanon, ao "embranquecerem-se para continuar a existir". Autores: Bruno Soares, Maria Lopes, Flávia Janaína.

FAGULHA



EDIÇÃO N°14

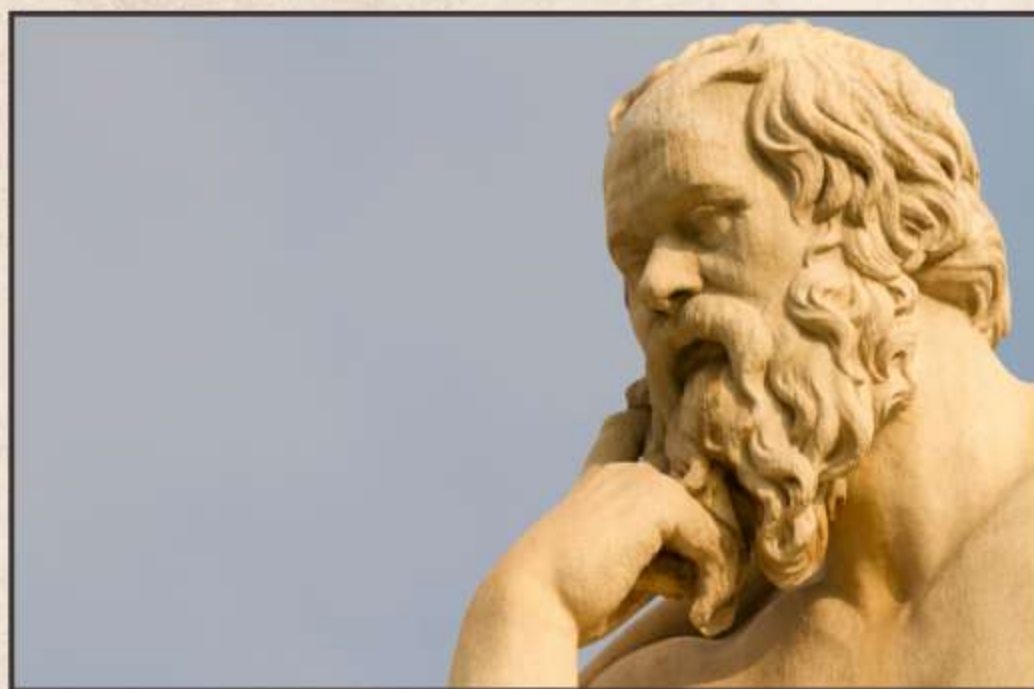
@FAGULHA_JORNAL

30 OUTUBRO 2025

FOGO OU FUMAÇA?

“Só sei que nada sei.” A máxima socrática nos leva a conceber que não é possível saber algo com absoluta certeza. Contudo, é possível constatar, em alguns de seus diálogos, que Sócrates faz certas afirmações. Estaria, então, o grande filósofo se contradizendo? Fogo ou fumaça? No texto Apologia de Sócrates, é relatado o julgamento do filósofo. Em determinado momento de sua defesa, Sócrates diz: “Aquele homem acredita saber alguma coisa, sem sabê-la, enquanto eu, como não sei nada, também estou certo de não saber.” A máxima socrática está contida nessa frase, que explicita sua forma de ver aqueles que se dizem sábios e conhecedores de tudo - e também como ele mesmo se via. Para Sócrates, o princípio da sabedoria era, antes de tudo, reconhecer a própria ignorância e os limites do próprio conhecimento. Ou seja, para desenvolver o saber, era

cnecessário, primeiramente, exercer uma espécie de humildade intelectual, aplicando o exercício da dúvida inclusive aos conhecimentos pré-concebidos. Sejamos, pois, uma imitação do “mais sábio dentre os homens”: humildes em relação à nossa própria ignorância e buscadores da verdade, partindo do princípio de que só sabemos que nada sabemos. Sócrates, ao afirmar que nada sabia, não se contradizia: apenas demonstrava humildade diante do poder de conhecer. Assim, a afirmação é fumaça. Autores: Guilherme Lopes, Luís Nizer, Caique Zalevski.



FAGULHA



EDIÇÃO N°14

@FAGULHA_JORNAL

30 OUTUBRO 2025

VOCÊ CONHECE?

Os direitos humanos parecem estar mais “em alta” do que nunca. O que explica esse fenômeno? Para seguirmos com essa reflexão, vale lembrar a historiadora panamenha Lynn Hunt (1945), que estudou a formação e a consolidação dos direitos humanos a partir de suas deflagrações ao longo da história. Segundo Hunt, novos tipos de experiências, desde ver imagens em exposições públicas até ler romances, contribuíram para difundir práticas de autonomia do indivíduo e, consequentemente, a empatia pelo outro. Essa “empatia imaginada”, surgida a partir de experiências coletivas, serve como fundamento dos direitos humanos tal como os compreendemos hoje. Considerando o modo como os direitos humanos são encarados na atualidade, Hunt questiona se só podemos reconhecer a importância que eles devem ter para nós mediante uma análise do processo histórico que um dia lhes



conferiu o caráter de “autoevidência”. Em sua obra A invenção dos direitos humanos: uma história, Lynn Hunt argumenta que, embora os direitos humanos sejam tratados como universais e indiscutíveis, eles não têm origem na natureza, como se acreditava no passado, nem emergiram espontaneamente da consciência humana. Pelo contrário, resultam de um processo histórico, cujos marcos fundamentais incluem a Declaração de Independência dos Estados Unidos (1776), Declaração dos direitos do homem e do cidadão (França, 1789) e a Declaração universal dos direitos humanos das Nações Unidas (1948). Autores: Yohana Almeida, Jonas Dudzic, Leonardo Bergamo.

FAGULHA



EDIÇÃO N°14

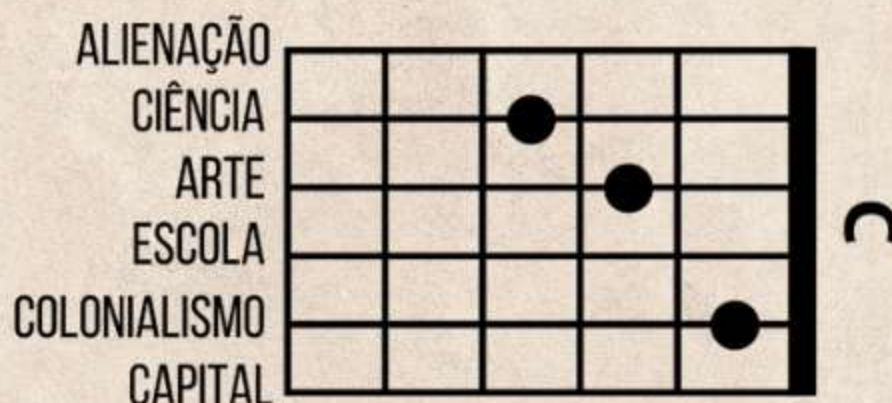
@FAGULHA_JORNAL

30 OUTUBRO 2025

LABIRINTO

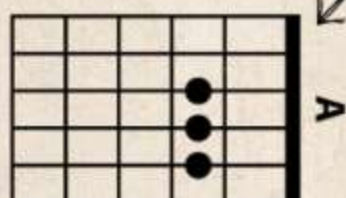


E se cada corda do violão fosse um tema filosófico?



AO TOCAR A NOTA DÓ MAIOR (C),
SURGIRIAM OS TEMAS "CIÊNCIA",
"ARTE" E "COLONIALISMO".
QUE PERGUNTA VOCÊ FORMULARIA
A PARTIR DESSES TERMOS?

SIGA A MESMA
DINÂMICA COM OUTRAS
NOTAS. SE QUISER,
TROQUE OS TEMAS!



AUTOR:
THIAGO
STADLER.

FAGULHA



EDIÇÃO N°14

@FAGULHA_JORNAL

30 OUTUBRO 2025

ARRUAÇA

Nos últimos dias, *Tropa de Elite* voltou ao topo da Netflix, coincidindo com uma operação policial no Rio de Janeiro que deixou pelo menos 121 pessoas mortas (no dia 28 de outubro de 2025). A coincidência revela como realidade e cinema se retroalimentam: a ficção inspira práticas reais, enquanto a violência cotidiana legitima o imaginário heroico de quem “sobe o morro para combater o mal”. Baseado no livro de Luiz Eduardo Soares, o filme de José Padilha transformou uma crítica à violência em uma narrativa de guerra urbana. O policial virou símbolo de ordem frente ao caos, e a estética do combate substituiu o debate sobre políticas públicas. Quando o espetáculo da força ocupa o lugar da razão, o resultado é o aprofundamento da barbárie. O crime precisa ser enfrentado com inteligência, asfixiando o poder econômico das facções e retomando os espaços com Estado - não com fuzis.

s Educação, saúde e cultura são armas mais duradouras do que qualquer operação relâmpago. No discurso final de Capitão Nascimento, a verdade explode: “os maiores bandidos não estão no morro; estão nas casas do poder”. É nesse momento que a ficção se torna espelho e o herói, símbolo de um país que aprendeu a combater o crime sem perceber que ele também veste terno e gravata. Autores: Jean Lucas Tavares, Rafaela Larissa Rodrigues.



FAGULHA



EDIÇÃO N°14

@FAGULHA_JORNAL

30 OUTUBRO 2025

FILOSOFINHAS/OS

Você já ouviu falar de Ariel, a pequena sereia? Esse conto possui várias versões, mas uma das mais conhecidas narra a história de uma sereia aventureira que se apaixona por um príncipe humano e, por isso, faz um pacto com a bruxa do mar que lhe oferece pernas em troca de sua bela voz. Sem conseguir comunicar seu amor ao homem e sem sua cauda para retornar à família, Ariel se vê em desespero. Muitas questões filosóficas podem ser encontradas nesse conto - sobretudo relacionadas ao feminino, ao papel e ao silenciamento da mulher. Antes mesmo de buscar o amor do príncipe, Ariel buscava sua independência e, ironicamente, a própria voz em sua vida. Esses temas foram abordados por filósofas como Mary Wollstonecraft, Nísia Floresta, Simone de Beauvoir, Olympe de Gouges, Judith Butler, Djamila Ribeiro, entre outras. Além disso, Ariel é literalmente silenciada ao se tornar humana - e essa



dcensura imposta às mulheres continua ocorrendo até os dias de hoje. O conto da sereia permite trazer à tona essa discussão, inclusive entre as crianças, contextualizando a história e refletindo sobre o papel das mulheres na sociedade. Podem-se abordar temas como a igualdade de gênero, a violência de gênero, a presença e representação feminina na história, bem como os papéis que as mulheres são forçadas a exercer. Também é possível relacionar o conto ao modo como, ao longo do tempo, as mulheres são silenciadas, impedidas de falar e de se posicionar na sociedade, reduzidas a meras observadoras afetadas pelos seus arredores, muitas vezes sem a chance de mudar esse quadro. Autoras: Cris Baniski, Danieli Kirschner e Helô Tomal.

FAGULHA



EDIÇÃO N°14

@FAGULHA_JORNAL

30 OUTUBRO 2025

FILOSOFIA ILUSTRADA



AUTORES: BRENDA
ZAHRA, LEVI TYLER.